

AMOR, NEM TÃO DEMASIADAMENTE HUMANO NEM DEMASIADAMENTE DESUMANO

Norma Takeuti

Professora Titular (Ciências Sociais)

Coordenadora do Grupo de Estudos Culturais e Subjetividades – *Poesis*
Universidade Federal do Rio Grande do Norte

Natal, v. 22, n. 38
Maio-Ago. 2015, p. 63-86

Princípios
Revista de filosofia

E-ISSN: 1983-2109



Resumo: Para a reflexão sobre os desígnios do amor (e o seu *ethos*) na contemporaneidade, dedicamo-nos, na Parte I, a uma breve digressão sobre o amor na Modernidade (mais particularmente, sobre a *colonialidade do amor* imbricado com o neoliberalismo), para evidenciarmos os avatares e ressonâncias de um imaginário social do amor romântico na vida cotidiana dos contemporâneos. O caráter normativo de uma dada gramática do amor presente nesse imaginário tem efeitos, por vezes, perversos na existência social dos indivíduos. Na Parte II do texto, aborda-se o amor contemporâneo sob os rastros de outros agenciamentos sociais, assim como a atual exigência de uma problematização sobre a reinvenção das próprias *regras do jogo nas relações amorosas* para a emergência de outras gramáticas e de outros tipos de agenciamentos no terreno do amor.

Palavras-chave: Amor romântico; Significações imaginárias sociais do amor; Normatividade social; Micropolíticas do desejo; Desterritorializações.

Résumé: Dans le cadre d'une réflexion sur les desseins de l'amour (et de son *ethos*) contemporain, nous faisons dans la première partie du présent article une brève excursion sur l'amour dans la modernité, notamment sur sa *colonialité* et son imbrication au néolibéralisme. Ensuite, une attention particulière est portée sur les problèmes d'avatars et de résonances d'un imaginaire social de l'amour romantique dans la vie quotidienne. Le caractère normatif d'une certaine grammaire de l'amour présent dans cet imaginaire, a parfois des effets pervers dans la vie sociale des individus. Dans la seconde partie, l'article discute l'amour contemporain à travers des pistes tracées par d'autres agencements sociaux. Par ailleurs, il est question de l'exigence actuelle d'une problématique portant sur la réinvention des *règles du jeu dans des rapports amoureux* permettant l'émergence d'autres grammaires ainsi que d'autres types d'agencements dans le champ de l'amour.

Mots-clés: Amor romântico; Significações imaginárias sociais; Normatividade social; Micropolíticas do desejo; Desterritorializações.

Amor, nem tão demasiadamente humano nem demasiadamente desumano¹

Compartilho algumas ideias relativas ao *amor e ethos* iniciando pela constatação de que o significante *felicidade pessoal* imbricado no significante *amor-paixão* seria um importante operador social nas interações humanas, desde a Modernidade; e ainda que ganhando novas conformações aqui e ali hoje, há a persistência de um determinado imaginário do amor-romântico. Em diversos estudos, essa constatação encontra-se presente; restrinjo-me a citar obras que consultei. De *O amor e o Ocidente*, obra datada de 1938 (revisada em 1954), de D. de Rougemont (1988); passando por *Cartografias de desejo*, na qual F. Guattari reflete sobre o *amor e territórios do desejo* (em 1982), publicada em 1986; a obras mais recentes, tais como: *A transformação da intimidade*, de A. Giddens (1993); *Sem fraude nem favor*, de J. F. Costa (1998); *O consumo da utopia romântica*, datada de 1992 (Illouz, 2009); *Intimidades congeladas* (Illouz, 2007); *Gramáticas do indivíduo*, de D. Martuccelli (2002) e *Cartografia Sentimental*, de Suely Rolnik (2011).

Amor como operador social equivale a dizer que se assimila (desde que se nasce) que só o amor (paixão) pode trazer felicidade e realização pessoal² e, no limite, a felicidade coletiva. É evidente

¹ Título inspirado em Félix Guattari, em *Cartografias do desejo* (Guattari; Rolnik, 1986, p. 289-290): “Um além dos Ulisses e das Penélopes: um amor não tão *demasiadamente humano*. Montagens desintoxicadas da vida de redução do desejo de mundo a um objeto-pessoa ou uma pessoa-objeto. Mas também um além das máquinas celibatárias, esse avesso do homem: um amor não tão *demasiadamente desumano*. Montagens desintoxicadas do vício de proliferação de mundos, objetos do desejo – proliferação tão desenfreada que não há mais nem mundo, nem desejo”.

² “Amar é viver! O homem moderno, o homem da paixão, espera que o amor fatal lhe revele algo sobre ele mesmo ou sobre a vida em geral: último ranço da mística primitiva. Da poesia à anedota picante, a paixão é sempre a aventura. É o que vai transformar minha vida, enriquecê-la de novidades, de riscos estimulantes, de prazeres cada vez mais violentos ou sedutores. É a porta aberta ao possível, um destino que se submete ao desejo! Nele penetrarei, ascenderei até ele e até ele serei ‘transportado’! A eterna ilusão, a

que, nos tempos atuais, o significante dinheiro compete amplamente com o amor, na busca de felicidade individualista; mas deixemos de lado, por enquanto, essa outra materialidade da vida e nos concentremos no tema do amor-paixão, ainda que não possamos fechar os olhos a esse par “amor-dinheiro” que, de sempre, inspirou dramaturgos, escritores e cineastas.

Amor-paixão – sensual, erótico, dessexualizado... Tudo isso, ao mesmo tempo! E que importa se há antinomias? Inclusive, antinomias no conteúdo desejado, por cada um. Ora, não é esse amor-paixão “essencializado” a meta de cada um, preso num *regime de verdade* do amor? Isso, para se atingir o patamar de seres “normais” bem integrados num ideário de “família feliz” e de uma pretensa “sociedade harmoniosa”? E, destaque-se que, nesse ideário, o referente é o amor-paixão “válido” socialmente, aquele que somente se realiza entre seres heterogêneos, sexualmente considerando. Afinal, a heteronormatividade não seria a “referência universal”? Mas, em meio a essas interrogações, deparamo-nos também com outros fatos, nos dias atuais, através dos quais entrevemos outros agenciamentos possíveis – *amores nômades, amores queer, amores híbridos, amores-em-devir!* – despontando para a dissipação do amor-romântico sob o regime da heteronormatividade. Retornarei a isso, na Parte II deste texto. Reportemo-nos, por enquanto, à grande maquinaria discursiva do *hetero-amor-romântico*.

Parte I

É propositado dizer que estamos diante de uma criação imaginária social do amor; por uma noção emprestada de Castoriadis (1986), diríamos que se trata de *significações imaginárias sociais* (SIS) que “atuam na prática como sentido organizador

mais ingênuo e – nem é preciso dizer – a mais ‘natural’ para muitos... Ilusão de liberdade. E ilusão de plenitude. [...] O homem moderno, o homem da paixão, espera que o amor fatal lhe revele algo sobre ele mesmo ou sobre a vida em geral.” (Rougemont, 1988, p. 232)

do comportamento humano e das relações sociais”³. É nesse sentido que se podem entender as *SIS* centrais do amor como um importante operador social; são elas que fornecem os “critérios” daquilo que (ou de quem) importa ou não importa no terreno do amor e elas se impõem de maneira onipresente e onipotente para a felicidade e/ou infelicidade dos humanos⁴. Com o aporte de Castoriadis (1986), creio ter estabelecido que não se esteja, aqui, buscando definições do amor; mas sim, as significações dadas socialmente que resultam em expressões dos sentimentos de amor-paixão entre pares amorosos; expressões que podem ser tomadas como *práticas discursivas e práticas não-discursivas* do amor, se as considerarmos a partir dos aportes de Michel Foucault, em sua *arqueologia do saber*.

Para avançarmos na reflexão sobre os desígnios do amor (e o seu *ethos*) na contemporaneidade, creio ser necessário fazer uma pequena digressão sobre o amor na Modernidade e seus avatares na vida cotidiana dos seres humanos ordinários e, assim, enxergarmos as ressonâncias disso na atualidade (aceitação ou repulsão).

É no momento da edificação do projeto da Modernidade que emerge o dispositivo do amor romântico no qual se acham contidas a expressividade e a discursividade do amor; o que, se colocarmos nos termos de M. Foucault, se trataria da emergência de um dispositivo que abrange *práticas discursivas amorosas e práticas não-discursivas amorosas*. Antes, porém, de abordarmos tal dispositivo, faço um esclarecimento sobre o que entendo por “pro-

³ “As significações imaginárias sociais não são nem representações, nem figuras ou formas, nem” conceitos (Castoriadis, 1986, p. 414); “elas são aquilo, mediante e a partir do que os indivíduos são formados como indivíduos sociais, podendo participar do fazer e do representar/dizer social, agir e pensar, de maneira... mesmo que conflituoso.” (*idem*, p. 411)

⁴ Na obra *Fragmentos de um discurso amoroso*, Barthes (1994) decifra-nos esses *estados de uma alma amorosa* – angústia da espera do ser amado, solidão na ausência, alegrias e euforias diante de uma mensagem ou presença do ser-objeto amado, poetização do mundo à volta, (in)quietudes, embriaguez amorosa...

jeto de Modernidade”: algo circunscrito exclusivamente no âmbito europeu e, mais particularmente, em alguns dos seus países centrais, desde o século XVII, como França, Inglaterra e Alemanha; de onde se elevam o eurocentrismo moderno e o liberalismo econômico, os quais não teriam vingado “vitoriosamente” (tal qual conhecemos hoje, com o impulso do neoliberalismo dos séculos XX e XXI) não fosse o colonialismo nas Américas⁵. Não terei tempo de me deter nesse amplo debate; será suficiente, por ora, aceitar a tese de que o colonialismo europeu não se resumiu ao poderio econômico e político: ele se estendeu a uma *colonialidade do poder* que açambarcou a vida como um todo de vários pontos do planeta – pela colonialidade da subjetividade e do saber (nível epistêmico).

O amor, o que tem a ver com isso tudo? Brevemente, exponho a hipótese de uma *colonialidade do amor*: o amor romântico ocidental possui uma incontornável referência – a Europa – de onde saíram as modelagens fundamentais das formas de amar, em detrimento de outras que existiam nas terras colonizadas (nas Américas, o amor indígena, o amor africano que, em sua diversidade étnica e cultural, chegou neste outro lado do Atlântico; na Índia, o amor-sexo tântrico, e assim por diante). Expressando-nos como Foucault, pode-se dizer que a *formação discursiva* amorosa europeia é a que predomina nas Américas, sobretudo, nas metrópoles onde o estilo de vida é bastante europeizado.

Ademais, devemos ver essa colonialidade do poder que engloba a colonialidade do amor – as formas de amar, ou melhor, as expressividades sociais do amor – com o desenvolvimento da ideia da *família empreendedora* (um dos eixos do neoliberalismo) que ganha conformação de “família feliz” (forma que vai ocultar o cerne de sua constituição no projeto neoliberal, enquanto alicerce

⁵ Assim como vem sendo debatido pelos pensadores da perspectiva decolonial na América Latina (apenas a título indicativo, cito W. Mignolo (2010) o qual será, mais adiante, referido).

da produção do *capital humano*). Indico, em curta nota⁶, algumas conexões entre diferentes dimensões que, contudo, não poderão ser aqui esmiuçadas. Por isso, retenhamos o essencial disso que chamo de colonialidade do amor, isto é, a ideia de que aí há tanto mais o domínio da razão, do cálculo e dos interesses econômicos, quanto menos o domínio da emoção pura, da sentimentalidade e da espontaneidade, como os idealistas do amor romântico fazem crer. Entretanto, ao plano das significações imaginárias do amor, ressalva-se aquilo que Costa (1998, p. 13) denomina de *credo amoroso dominante*, qual seja: a) “O amor é um sentimento universal e natural, presente em todas as épocas e culturas”; b) “O amor é um sentimento surdo à ‘voz da razão’ e incontrolável pela força da vontade” e; c) “O amor é a condição *sine qua non* da máxima felicidade a que podemos aspirar”.

Algumas ideias-forças tangenciam esse *credo amoroso*: a primeira diz respeito à obrigação moral de cultivar *habilidades naturais* para o amor (insisto em falar do amor, ao mesmo tempo erótico e dessexualizado⁷, que se deve canalizar para um grande outro). Amar o outro (encontrar a sua “outra metade”) tornou-se um dado de natureza humana inquestionável na sociedade em que

⁶ Produção do capital humano é a ponta de lança do neoliberalismo (princípio explícito somente no nível teoria da economia). Foucault e suas análises sobre a disciplinarização e a biopolítica mostram bem os desdobramentos do liberalismo clássico e neoliberalismo nos quais o empreendedorismo individual está voltado para a constituição do *capital humano*, ficando, evidentemente, os riscos e os custos a cargo do indivíduo (e sua família); tal análise, Foucault (2008) a faz exemplarmente em *Nascimento da Biopolítica*, buscando compreender a biopolítica atual e os seus enredamentos na vida das populações. É pela biopolítica que se faz emergir um tipo desejado de população – uma espécie de ideal-tipo de normalidade – em contraposição a outro tipo de população não desejada na sociedade (anômalos, anormais, degenerados, homossexuais, loucos, criminosos) que se tornam os desajustados de uma sociedade normalizada. A relação entre biopolítica e a colonialidade de poder é bem abordada por Castro-Gomes em *Michel Foucault y la colonialidad del poder* (2007).

⁷ Canalização da libido para fins reprodutivos.

vivemos. Os/as que fogem dessa ritualidade ou desse mito só podem ser vistos como anômalos e portadores de um estigma.

Uma segunda ideia bastante presente na retórica do romantismo é de que o amor é espontâneo – “pura emoção” – e que nada tem a ver com a razão fria (ditado que se repete...). A questão é: se a flecha do cupido pode atingir qualquer tempo e espaço, por que é que se limitam as “flechadas” em um tempo bem situado, em uma dada faixa etária⁸? “Cupido-máquina Cronos”! A literatura (romances) e os filmes (dramas) mostram bem essas delimitações de idade e a experiência amorosa sempre situada em faixas etárias jovens. Passou a idade de amar!? Se isso for, efetivamente, corpo e mente se acham separados nessa lógica do amor romântico. E, as flechadas situadas apenas na correspondência entre pessoas de sexo diferente? “Cupido-máquina binária de generos”!

Outra controvérsia relacionada à espontaneidade: por que enquanto se afirmam que as escolhas do objeto do amor são consideravelmente “espontâneas”, tem-se, ao mesmo tempo, a evidência de que a atração e a sedução amorosa se dão entre pessoas que estão em espaços sociais, culturais e étnicos sempre próximos ou contíguos? Daniel Bertaux (1977), em sua obra *Destins personnels et structure de classe*, mostrou que os acontecimentos amorosos se davam sempre entre pessoas de um mesmo bairro ou similarmente situadas na classificação social, ou seja, o encontro e casamento se davam entre pessoas de mesma posição social, cultural e econômica⁹. É verdade que, hoje, com as novas tecnologias comunicacionais, ampliaram-se os espaços geográficos e sociais de interação entre as pessoas, a partir do ciberespaço. Mas o que quero é evidenciar a falácia da espontaneidade do

⁸ Grosso modo falando, abaixo dos 35-40 anos para mulheres, aumentando um pouco essa faixa para os homens.

⁹ Encontros, namoro, amor e casamento acontecem entre pessoas num raio de menos de 10km, em sua análise de estrutura de classes francesa, tomando os bairros de Paris, como amostra de sua pesquisa.

sentimento amoroso¹⁰. Isso mostra certo conformismo social num terreno retratado, sobretudo pelos idealistas, como algo invulnerável ao mundanismo e aos interesses outros que não da ordem da “sentimentalidade pura”¹¹.

A terceira ideia-força trata da injunção da condição de felicidade pessoal na relação com o sentimento amoroso, que resulta na busca do “par ideal” para vivenciar uma fusão amorosa. Nada mal! Quem não deseja sensações inebriantes e os momentos de arrebatamento, de êxtase, de euforia e de tudo aquilo que a vida cotidiana em si nos extrai para nos repor (quase que com exclusividade) no mundo da produtividade e da responsabilidade (para assim rapidamente esboçar uma cotidianidade “normal”)¹²? Afinal, na cultura ocidental, o amor romântico tem se imposto como uma significação imaginária social central, mesmo quando tenha sempre havido infiltrações de outras significações ou agenciamentos alternativos que possam levar, a termo, às *revolu-*

¹⁰ A persistência de certas “coincidências” se encontra bem resumida em Costa (1998, p. 17): “Sentimo-nos atraídos sexual e afetivamente por certas pessoas, mas raras vezes essa atração contraria gostos ou preconceitos de classe, ‘raça’, religião ou posição econômico-social que limitam o rol dos que ‘merecem ser amados!’”. E, mais ao final (p. 171): “Em geral, amam-se pessoas cujos padrões estéticos, situação de classe, pertencimento étnico ou racial, condição econômica, crença religiosa ou convicções políticas preenchem as expectativas culturais do candidato ao amor. Jovens brancos, ricos, bonitos, inteligentes, cultos e sofisticados dificilmente se apaixonarão por pessoas subalternas, pobres, velhas, feias, negras ou rudes intelectualmente”.

¹¹ “Dito de outra maneira, a paixão amorosa, de hábito, é bem mais comportada do ponto de vista sentimental e bem mais conformista, do ponto de vista social, do que o romantismo retrata. O amor é mundano, interessado e sua realidade efetiva em nada se assemelha à ‘pureza’ com que alguns idealistas o apresentam.” (Costa, 1998, p. 171)

¹² “Até segunda ordem, seria insensato excluir o amor de nossas vidas, pois isso representaria, para muitos, trocar o sonho provável pelo desencanto certo”, comenta Costa (1998, p. 18).

ções moleculares sentimentais que, atualmente, vem se esboçando como *micropolíticas do desejo*¹³.

O paradoxo dessa injunção é que a busca dessa felicidade se impõe não sem sofrimentos na medida em que a sua realização parece ser inatingível, efêmera, ilusória ou equívoca, a uns e outros. Aqueles que dizem ter alcançado o “alfa” do amor também dizem não deixar de sofrer antecipadamente pela sua “provável” perda (ah! os riscos do amor!); o “ômega” do amor sempre se projeta no decorrer da intensificação do sentimento amoroso (vive-se, inclusive, antecipadamente o desvanecimento do objeto do amor pelo rompimento do elo ou pela mudança de caráter do sentimento em uma relação mais duradoura). O tema do amor e morte compõe vastamente a grade do imaginário do amor¹⁴. Maior sofrimento, ainda, para aqueles que sentem não poder atingir a mais profunda experiência emocional que passa pelo amor-paixão romântico: sentem-se “infelizes” por não estarem realizando um ideal altamente humano e naturalmente sequencial na vida de todos – nascer, crescer e encontrar o seu par amoroso, ter momentos ardorosos de paixão onde a relação sexual tem importante papel, constituir tanto a família, bem como o seu “doce-lar”. Sentem-se ainda mais “frustrados” porque a sociedade lhes imputa um “fracasso pessoal”, de não saberem encontrar o seu objeto ideal de amor e de não poderem vivenciar um ato humano tão simples, universal e sublime; um algo “aparentemente ao alcance de qualquer pessoa razoavelmente adulta, madura, sem inibições afetivas ou impedimentos culturais” (Costa, 1998, p. 35). Anormal, patológico ou anômalo são os estigmas que se colam à pele daqueles que “fracassaram” na realização desse ato humano através do qual se propicia a felicidade (a si e ao outro) em uma fusão

¹³ Retomo esse assunto, apoiando-me nos aportes de Guattari, devidamente referenciado, na segunda parte deste texto.

¹⁴ Dentre os autores consultados, para fins deste texto, remeto a Rougemont (1988) que aborda o tema a partir da lenda *Tristão e Isolda*.

amorosa¹⁵. “O sentimento do insucesso amoroso é, por isso mesmo, acompanhado de culpa, baixa-estima”, observa Costa (1998, p. 35), a partir de sua clínica psicanalítica.

De fato, são dois os sentimentos amorosos centrais e antinômicos¹⁶ que coexistem nesse magma de significações imaginárias sociais do amor-romântico: a) o sentimento amoroso como o domínio da expansão da felicidade, o lugar da realização de si; b) o sentimento amoroso como um domínio da contração/enclausuramento – lugar da consumição de si, pelo sentimento devotado ao objeto do amor. Não se tratam, pois, de registros excludentes, no sentido de haver a repartição desses sentimentos segundo as parcelas sociais ou os perfis humanos. Esses sentimentos podem coexistir como vetores de experimentação na vida de uma mesma pessoa¹⁷.

Isso posto, quero destacar: primeiro, o *caráter normativo* dessa injunção à felicidade pessoal e; segundo, os seus *efeitos* no conjunto das relações entre as pessoas. Tal normatividade aplaina o mundo social, homogeneíza todos os seres a um padrão de experiência chamado amor romântico-felicidade-casamento-filhos-casa própria¹⁸. E quem quiser disso escapar?

¹⁵ Mais ainda por não terem constituído lar e procriado filhos (nesse caso, o “fracasso” é multiplicado). Podem-se ter realizações em outros planos – no profissional ou no campo artístico, por exemplo –, mas nunca deixarão de portar as marcas do fracasso de um plano “essencial” da vida humana.

¹⁶ Refiro-me ao universo ocidental e ao que tem perdurado desde o projeto da Modernidade (considerado os adendos que introduzi em termos da modernidade e colonialidade). Evidentemente, o amor romântico não nasce no Ocidente, mas é aí que ganha uma coloração intensa sob a forma que conhecemos ainda nos dias atuais.

¹⁷ Sob esse aspecto, convidamos o leitor a ler as páginas 284-290 da obra *Cartografias do desejo* (Guattari; Rolnik, 1986), na qual Guattari reflete sobre o tema “amor: o impossível... e uma suavidade”, tendo como suporte as figuras dos “Ulisses e Penélopes”.

¹⁸ Rougemont (1988, p. 241) observava que na cultura americana – no período de sua análise, entre as duas guerras mundiais e logo após a 2ª guerra mundial – predominava a crença no amor e casamento, como algo que se

No caso do amor romântico, a punição para os dissidentes é o pavor da solidão, o estigma do fracasso emocional e a exclusão do mundo dos felizes. São essas fantasias ou realidades morais que tornam eficientes alguns dos credos românticos, em especial os mais exaltadamente idealizados. (Costa, 1998, p. 147)

O que resulta disso tudo? Construir uma “família feliz” é o apelo que está nas bases do neoliberalismo que necessita do indivíduo¹⁹ e da família empreendedora (e feliz) que arcará por conta própria os riscos e os custos dos empreendimentos sociais (tornados “seus”), principalmente no que concerne à formação de capital humano (“educar bem os filhos”), necessário para o desenvolvimento da economia e do mercado²⁰. Disso decorre a tese de que o amor romântico constitui-se em um aliado econômico-político, tendo por papel a ocultação da aspereza de uma fina imposição social de reprodutibilidade social eficiente aos termos do mercado e economia. Agora, creio podermos melhor digerir a hipótese da colonialidade do amor (que passa pelo ideário do amor romântico)!

Apenas para complementarmos a conformação dessa faceta (econômica) do amor romântico, vale a pena adentrarmos um pouco pela obra *Consumir a utopia romântica* (Illouz, 2009), a partir da qual podemos extrair a problemática da *mercantilização do romance e da romantização de commodities*. Mercantilização do romance refere-se aos encontros românticos que sofreram deslocamentos do território da casa para espaços “orquestrados” pelas

equivaliam: “que quando se ‘ama’, é preciso casar imediatamente; enfim, que o ‘amor’ deve normalmente superar todos os obstáculos, como diariamente nos mostram os filmes, os romances e as histórias em quadrinhos”.

¹⁹ “O neoliberalismo acentuou essa tendência à autogestão do eu porque no sistema neoliberal todos nós somos indivíduos sós, frente a uma sociedade que nos exige um grande número de competências, tanto cognitivas como emocionais. Quando algo falha, o indivíduo só pode acusar a si mesmo”. (Illouz, 2015). Sobre o assunto, ver também a entrevista “Love in the Time of Capital” (Illouz; Tangen-Mills, 2010).

²⁰ “O modelo econômico da modernidade incide na prática do amor”. (Illouz, 2015).

indústrias de lazer – espaços primorosamente pensados e decorados para receber “casais felizes” ou promovê-los (restaurantes, motéis, hotéis, *ressorts*, viagens de lua-de-mel, decoração de igrejas, *buffets* e aluguel de limusines de casamentos, de roupas e acessórios etc.). Quanto às *commodities*, elas aparecem sob a forma de “objetos românticos” (de cartões postais e chaveiros a roupas, lingerie, pelúcias românticas, mobiliário e peças decorativas de casa...), produzidos para propiciar a “bela experiência” do amor e do romance. Quando o amor entra na órbita do mercado, há garantias (sentido empresarial) de lucro certo pelo consumo²¹. O amor é um “bom negócio”! Assim, o amor passa a ser invocado, a todo o momento, pela intermediação de produtos ou lugares produzidos, que passam a ser vetores de experiências emocionais, para significar acontecimentos felizes, lembrando a todos que ele é a única trincheira de salvação em um mundo altamente embrutecido pela racionalidade do trabalho e pelos “pesos” morais, sociais, institucionais e familiares²².

Passarei, em seguida, a abordar o amor contemporâneo sob os rastros de outros agenciamentos; não antes, porém, sem dizer que a crítica ao amor romântico não significa um elogio à insensibilidade. Ao contrário, trata-se de desvelar o entorpecimento causado por uma discursividade que oculta aquilo que o amor romântico produz em termos de armadilhas ou exigências/regras do jogo amoroso. No cerne dessa crítica, têm-se como alvos os avatares do amor, em suas expressões de: posse do outro (exclusividade); compromissos rígidos de fidelidade ao outro (monoga-

²¹ Conhecemos a parafernália mercadológica de objetos, pela intermediação do tema “amor-romântico” em publicidades de perfumes, bebidas, comidas, roupas, imóveis etc. Tudo isso se constituindo em poderosas *práticas não-discursivas* (expressando-nos com os termos de Foucault).

²² Invocado por todos! Mais, então, pelos que sentem estar enfrentando cotidianamente as durezas impostas pela vida em sociedade – violências sociais, competições, solidões impostas nos estilos de vida citadinos, individualismos egoístas, dessolidarização... – e quem não as enfrenta?

mia) e, também, de fidelidade a uma “verdade do amor”; dependência mútua, comprometimento incondicional à causa do outro; sexualidade aprisionada no interior de códigos normativos familialistas. Trata-se de determinadas condições do jogo amoroso que traduzem aquilo que se capta, geralmente, em termos de “PESOS” do relacionamento a dois. Malgrado as dores e os sofrimentos e toda a controvérsia da gramática do amor, ainda assim, mantém-se a crença de que tal gramática é a única existente para se viver o sentimento amoroso.

Parte II

Para sairmos desse enredo e emaranhado discursivo, precisamos de um *giro epistêmico*, assim como diria W. Mignolo (2010) referindo-se à colonialidade do poder, a partir do qual se possa pensar em decolonialidades; o que completamos com a ponderação sobre a decolonialidade do amor, isto é, a exigência atual de problematizarmos mais sobre a reinvenção das próprias *regras do jogo amoroso*²³ – outras gramáticas e outros tipos de agenciamentos no terreno do amor.

Se partirmos da premissa de que o amor é uma invenção social e que as significações imaginárias sociais não estão dadas “para sempre”, os próprios corpos, vozes e mentes podem tudo questionar²⁴. O *imaginário radical* (Castoriadis, 1986) é o campo do possível e do *impensável* (Deleuze, 1992) que pode estar na base da criação de outros modos do *fazer humano*²⁵. Nesse sentido, *outras*

²³ Sobre isso, ver Costa (1998, p. 205 *et seq.*).

²⁴ “Tudo pode ser questionado: relações estáveis, relações tumultuadas, monogamia, paternidade, maternidade e, sobretudo, os clichês sobre quem são os agentes mais capacitados a revolver os hábitos amorosos”. (Costa, 1998, p. 205)

²⁵ “A sociedade instituída nunca exerce seu infrapoder de forma absoluta, de forma a se produzir indivíduos que reproduzem eternamente o regime que os produziu”. (Castoriadis, 1986, p. 127)

figuras do pensável, e mais ainda do *impensável*, estão na base de toda experimentação.

Enfim, para sairmos desse reduto saturado, tanto no plano discursivo quanto das práticas amorosas, proponho rastrear alguns traçados de outras enunciações delineando-se na atualidade. São proposições de modos alternativos do *uso do prazer* e realização de desejos, que se insinuam como novas formas de sensibilidade amorosa. Ademais, as exigências do dispositivo do amor romântico parecem não mais coadunar com os ares de um novo tempo de intensidades informacionais e tecnológicas que afetam os antigos padrões de sociabilidade.

Expressividades, algumas habitadas de ousadia e rebeldia, expõem-se em nome de um movimento de expansão da vida, ostentando temas de: desalienação do prazer; desprogramação do gênero; desdomesticação do sexo (retirando o sexo da redoma do amor idealizado²⁶); desprendimento do necessário gozo do amor enquanto “a experiência suprema”; erotização da cultura; primazia da sensibilidade erótica; sensorialização da emoção (que sempre esteve muito colada à racionalidade); “emoções baseadas em híbridos corporais sexo-afetivos”²⁷. Clama-se por uma diferente

²⁶ “Experimentar a realização sentimental, sob o modo do amor-paixão romântico, era, de fato, uma obrigação cultural que se sustentava na repressão da sexualidade feminina, na crença na ‘verdade sentimental da natureza do homem’, na desigualdade social entre homens e mulheres, na firmeza dos afetos familiares, na importância do convívio doméstico, nos preconceitos da moralidade burguesa, no agudo sentimento de responsabilidade para o futuro dos filhos e dos ascendentes etc. Uma vez desfeita esta rede emocional e liberadas as possibilidades de fruição sexual, o sentimento deixou de ser o ‘abre-te sésamo’ da felicidade. Ninguém espera o amor de braços cruzados, fazendo ginástica para a musculatura espiritual. Os indivíduos, enquanto não se apaixonam, têm numerosas relações sexuais, numerosas experiências físico-sensoriais, muitos e variados tipos de parcerias afetivas e, como resultado, vão ‘aprendendo’ que o êxtase emocional não é clone do amor e ‘desaprendendo’ a valorizar a forma de vida que dava à emoção amorosa o status moral que ainda tem hoje”. (Costa, 1998, p. 214)

²⁷ Conforme Ludditas Sexxxuales (2013).

gestão/condução dos corpos e dos prazeres (para expressar como M. Foucault) orientada para outro tipo de relação com: o corpo, o outro, o amor, o sentimento, a emoção; enfim, outra relação com a própria vida. Essas e outras proposições, podemos acessá-las na internet onde pululam *blogs*, livros, manifestos e textos sob os diversos formatos. Acrescento que a minha pesquisa sobre a juventude e subjetividades (atualmente, com foco em pragmáticas *poiéticas*) tem-me orientado para as questões do desejo e inventividades sociais. Provavelmente, a caminhada que faço com Deleuze-Guattari, Foucault e Latour acaba me projetando para plataformas de expressividade mais ousadas ou rebeldes, se assim posso dizer. Pelas noções que estou mobilizando, nesta parte do texto, note-se que estou fortemente inspirada em Deleuze-Guattari.

Sobre o desejo, então, posso pensar, como Guattari, que esteja havendo uma vontade de “criação de outros territórios de desejo”²⁸; criação essa que está associada à *micropolítica da subjetividade*, a qual só pode vingar pela força de processos desterritorializantes do desejo que venham a *reterritorializar o amor* de outro modo que essa ordem instituída.

Essas propostas vão a contrapelo do “tratamento serial e universalizante do desejo” que Guattari definia, nos anos 1980, ao se referir aos processos de captura da subjetividade:

Que consiste precisamente em reduzir o sentimento amoroso a essa espécie de apropriação do outro, apropriação da imagem do outro, apropriação do corpo do outro, do devir do outro, do sentir do outro. E através desse mecanismo de apropriação se dá a constituição de territórios fechados e opacos, inacessíveis exatamente aos processos de singularização, sejam eles da ordem da sensibilidade pessoal ou da criação, sejam eles da ordem do campo social, da invenção de um outro modo de relação ao social, de uma outra concepção do trabalho social, da cultura, etc. (Guattari; Rolnik, 1986, p. 281)

²⁸ Conforme Guattari (Guattari; Rolnik, 1986, p. 283-4).

Perpassados por esses fluxos de ideias, creio que estejamos, hoje, diante de algo que está para além daquilo que Giddens (1993, p. 72-74) expunha, nos anos 1990, sob os termos de *amor confluyente*, cuja tônica era a *sexualidade plástica*²⁹; isto é, tipo de relacionamento cuja forma de expressão e de intimidade preocupasse com o corpo e o prazer sexual para a autorrealização – dissociação entre prazer e procriação³⁰; inclusive, sem exigências quanto à exclusividade sexual³¹. Essa obra de Giddens data de 1992, ou seja, mais de duas décadas separam essas práticas amorosas consideradas e as dos tempos atuais.

Avancemos, portanto, no tempo e tomemos uma problematização na qual se salienta o que se passa, já no novo milênio, a partir de 2000. Optamos pelo texto *Multidões Queer* (Preciado, 2003) publicado, em 2011, no Brasil. A autora considera estar havendo uma maior reapropriação da *sexopolítica*³² pelas minorias sexuais

²⁹ “O amor confluyente pela primeira vez introduz a *ars erótica* no cerne do relacionamento conjugal e transforma a realização do prazer sexual recíproco em um elemento-chave na manutenção ou dissolução do relacionamento”. (Giddens, 1993, p. 73)

³⁰ Para Giddens (1993), o amor romântico haveria favorecido uma *ars erótica* e, assim, promovido a emancipação, principalmente das mulheres que teriam ganhado maior autonomia pela expressão de seus sentimentos.

³¹ “O amor confluyente é um amor ativo, contingente, e por isso entra em choque com as categorias ‘para sempre’ e ‘único’ da ideia do amor romântico. A ‘sociedade separada e divorciada’ de hoje aparece aqui mais como um efeito da emergência do amor confluyente do que como sua causa. Quanto mais o amor confluyente consolida-se em uma possibilidade real, mais se afasta da busca da ‘pessoa especial’ e o que mais conta é o ‘relacionamento especial.’” (Giddens, 1993, p. 72)

³² “A *sexopolítica* é uma das formas dominantes da ação biopolítica no capitalismo contemporâneo. Com ela, o sexo (os órgãos chamados ‘sexuais’, as práticas sexuais e também os códigos de masculinidade e de feminilidade, as identidades sexuais normais e desviantes) entra no cálculo do poder, fazendo dos discursos sobre o sexo e das tecnologias de normalização das identidades sexuais um agente de controle da vida.” (Preciado, 2011, p.11). Em contestação a Foucault, Preciado toma em Lazzarato a distinção que este faz entre biopoder e biopolítica em sua vertente de biopotência, passando a entender

(“os movimentos feministas, pós-feministas, homossexuais, transexuais, intersexuais, transgêneros, chicanas, pós-coloniais”), que trazem à cena a outra faceta da biopolítica – a sexopolítica não mais tão somente considerada nos termos de biopoder e de situações de dominação, mas bem enquanto *biopotência*³³.

Quer dizer que, ao lado de tudo o que vim colocando na Parte I do texto – os desdobramentos do amor romântico moderno –, houve emergências de *processos desterritorializantes* (para usar uma terminologia própria de Deleuze-Guattari) no espaço de sexualidade, no decorrer do século XX e que vêm se acentuando no presente. A obra *Cartografia sentimental: transformações contemporâneas do desejo* (Rolnik, 2011) é, sem dúvida, uma inestimável contribuição à problematização do tema amor e *ethos* contemporâneo; a autora retraça, aí, processos no terreno subjetivo e dos desejos, que indicam as *mutações micropolíticas*, desde 1980, momento em que “o neoliberalismo se instalava em toda parte, promovendo uma mudança brutal da política de subjetivação” (*idem*, p. 13), aos dias atuais, um tempo de “gestação da ‘subjetividade flexível’ e da radical experimentação de modos de existência...” (*idem*, p. 14). Um tempo de maior conexão entre sexo-corpo-amor a partir mesmo da ruptura que ocorre, desde 1950-1960, em relação ao *regime fordista e disciplinar* (*loc. cit.*). Enfim, um tempo de rupturas, resultantes da confrontação com processos normalizadores do corpo e da vida, e da produção de resistências no campo micropolítico da vida.

“os corpos e as identidades dos anormais como potências políticas, e não simplesmente como efeitos dos discursos sobre o sexo” (*idem*, p. 12).

³³ Isto é, enquanto *afirmações* e *composições* que permitem a emergência da *potência subjetiva* (conforme Alliez, 2000) que se des-dobra nas e das relações de poder (Takeuti, 2015). Trata-se de perspectivas abertas por um conjunto de autores como M. Lazzarato, P. Virno, M. Hardt e A. Negri, dentre outros – que seguem nas trilhas teóricas abertas por teóricos como Foucault, Deleuze-Guattari, Gabriel Tarde e Gilbert Simondon; e que buscam ver como a vida resiste à captura, criando formas de subjetivação e forma de vida que escapem aos biopoderes.

São diversos os autores que reconhecem o importante papel do feminismo, sobretudo, o pós-feminismo na ruptura epistêmica da gramática do amor na medida em que, como nota Preciado (2011, p. 17), ele abarca uma “crítica radical do sujeito unitário do feminismo, colonial, branco, proveniente da classe média alta e dessexualizado [que] foi posta em marcha”. Se essa ruptura não é apanágio das minorias sexuais, entretanto, estas teriam dado um importante impulso à emergência de novos sujeitos de enunciação do desejo e da sexualidade, cujas ações, no plano molecular, açambarcam, cada vez mais, possibilidades de novos agenciamentos³⁴. Estes emergem paulatina e mais visivelmente, a partir dos anos 1980 (Guattari, 1981, p. 39), quando se pôde perceber uma “mutação nas formas de resistência e de ação política”, que se expressava em um nível molecular; inclusive, percebia-se o embotamento das fronteiras sexuais, “aquém das oposições persológicas homo/hetero: Os/as homossexuais falam em nome de todos – em nome da maioria silenciosa – e colocam em questão todas as formas, quaisquer que sejam elas, de produção desejante” (Guattari, 1981, p. 39). Justamente, é nesse campo do desvio que se dava a constituição do “lugar de uma ruptura libidinal maior na sociedade, um dos pontos de emergência da energia revolucionária desejante” (*loc. cit.*).

Mais recentemente, também Illouz (2015)³⁵, em entrevista, confirma a ideia das “formas sociais inventadas ou aperfeiçoadas pelos homossexuais”, mostrando o vanguardismo destes em relação à *cultura heterossexual*, no que tange à “superação das proibições e das normas que regem as relações, a multiplicação e a brevidade dos encontros sexuais ou a reafirmação do indivíduo no

³⁴ Isso tem sido observado no segmento que Preciado (2011, p. 15-16) chama de *identidades desviantes* na medida em que estas têm feito “uma utilização máxima dos recursos políticos da produção performativa”, colocando em jogo os modos de resistências que evidenciem linhas de fuga nas “formas de subjetivação sexopolíticas”, orquestradas no biopoder.

³⁵ No tema “A sexualidade é inevitável: hoje o sexo precede o amor”.

prazer erótico” (*loc. cit.*). Ora, mais de três décadas se passaram desde que Guattari achava haver “pontos de emergência da energia revolucionária desejante” (bastante combatidas, desqualificadas ou ignoradas); atualmente, podemos constatar uma densificação desses pontos, além de uma intensificação de práticas emergentes, a partir de novas personificações sociais.

Por mutações nas relações amorosas! Slogans que se manifestam na difusão de propostas, tais que: *amores nômade*s, *amores queer*³⁶, *poliamores*³⁷ e *amores livres*³⁸, *Luddismo sexual*³⁹ etc. (estes

³⁶ Manifiesto de los Amores Queer – Coral Herrera, autora do livro *Bodas diversas y amores queer* e bloguer de *El rincón de Haika* (<http://haikita.blogspot.com.br>): 1) “El Amor Queer es un proceso a disfrutar, no una meta a la que llegar”; 2) “Los amores Queer reniegan de las tradicionales historias de amor que venden promesas de eternidad y felicidad, y proponen acabar con la exclusividad sobre los penes, los coños y los corazones de otras personas”; 3) “Los y las amantes queer rechazan la tiranía del orgasmo y expanden el erotismo al cuerpo entero, sin quedarse estancados en los genitales, potenciando la sensibilidad de todas las partes, descubriendo nuevos caminos en el sexo más allá de la gimnasia pornográfica tradicional”; 4) “Los amores queer no comparten los anhelos de eternidad ni el trauma del divorcio, porque disfrutaban de las historias hasta que se acaban, felices de haberlas sentido y sin sensación de haber perdido nada ‘para siempre’”; 5) “A los amantes Queer les asquea el infierno de la convivencia forzada, y reniegan la idealización y la desilusión constante de la pareja tradicional. No desean seguir el modelo monogámico, reproductivo y heterosexual que nos imponen las industrias culturales a través de los relatos”. “Por eso los amantes *queer* no sufren la frustración que crea el amor romántico y les encanta disfrutar de la vida, el sexo y las emociones con la gente de carne y hueso.”

³⁷ “Las poliamorosas, por ejemplo, son personas que viven el amor sin estar sujetos a la idea de la propiedad privada, la exclusividad, el miedo y los celos, o al menos, trabajan para lograr relaciones más plenas basadas en la libertad, la confianza, la sinceridad, el cariño.” Coral Herrera (*loc. cit.*).

³⁸ “Vive lo que hay, en el terreno de la interacción de los cuerpos, y lo vive con profundidad, estando presente en el acto amoroso, entregándose por completo a sus sentimientos y emociones; el amor libre carece de obstáculos porque se siente como energía vital y como experiencia maravillosa.” Coral Herrera (*loc. cit.*).

são alguns dos exemplos que podemos trazer da blogosfera) que, de um modo ou de outro, estão a promover a diversidade sexual e amorosa (expansão da ideia do amor para além do par conjugal). Reivindicação da diversidade nas formas de relacionamento, sendo “todas válidas”. Nenhuma discriminação às pessoas apaixonadas – monogâmicas ou poliamorosas, hetero ou homossexuais; superação de etiquetas que tolham a liberdade e a ternura social. Interessante que Guattari, quando esteve no Brasil, em 1982, falava também dessa necessidade social de uma “nova suavidade – invenção de uma outra relação” (Guattari; Rolnik, 1986, p. 283).

Seria pensar tal ternura ou suavidade instaurando-se em um território de intimidade no “além do homem (humano e/ou desumano)”. Algo no interlúdio do “amor não demasiadamente tão humano, nem tão demasiadamente desumano” (Guattari; Rolnik, 1986, p. 289-290), conforme explicitado na nota de rodapé inicial deste artigo.

Mas, por enquanto, pouco ou nada sabemos acerca dessa espécie de amor. As faixas de frequência dessa inusitada viagem ainda não estão bem sintonizadas. Ha ruídos, sons inarticulados, e muitas vezes não suportamos esperar que uma composição nasça: na pressa de já ouvi-la, corremos o risco de compor esses sons com velhos clichês. É difícil não cair na pieguice de um final feliz. (Guattari; Rolnik, 1986, p. 290)

Diante dos novos fatos e feitos sociais e culturais, podemos, com certeza, melhor apreender as novas sintonizações do amor, mais do que Guattari podia fazê-lo, 40 anos atrás; mas, para isso, precisamos nos arremessar em direção às *conexões híbridas!*

³⁹ “Luddismo Sexxxual (movimento coletivo voltado para destruição de máquinas binárias): inventar relación aún sin forma, amistad: la suma de todas las cosas a través de las cuáles, podemos darnos placer. Relaciones de intensidades múltiples, colores variables, movimientos imperceptibles, formas que mutan. Metamorfosis. Volvemos más susceptibles de placeres.” *Amatórios dos desejos libertários* (<http://luddismosexxxual.blogspot.com.br>).

Referências

ALLIEZ, Éric *et al.* Le pouvoir et la résistance. *Multitudes*: revue politique, artistique, philosophique. n. 1, 2000, p. 11-15.

BARTHES, Roland. [1977] *Fragmentos de um discurso amoroso*. Rio de Janeiro: F. Alves, 1994.

BERTAUX, Daniel. *Destins personnels et structure de classe. Pour une critique de l'anthroponomie politique*. Paris: PUF, 1977.

CASTORIADIS, Cornelius. *Instituição imaginária da sociedade*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1986.

CASTRO-GOMES, Santiago. Michel Foucault y la colonialidad del poder. *Tabula Rasa*. Bogotá, n. 6, enero-junio 2007, p. 153-172.

COSTA, Jurandir Freire. *Sem fraude nem favor: estudos sobre o amor romântico*. Rio de Janeiro: Rocco, 1998.

DELEUZE, Gilles. *Conversações*. São Paulo: 34, 1992.

FOUCAULT, Michel. *Nascimento da Biopolítica* [Curso Collège de France, 1978-1979]. São Paulo: M. Fontes, 2008.

GIDDENS, Anthony. *A transformação da intimidade: sexualidade, amor e erotismo nas sociedades modernas*. São Paulo: UNESP, 1993.

GÓMEZ, Coral Herrera. Manifiesto de los Amores Queer. El rincón de Haika. Blog. Disponível em: < <http://haikita.blogspot.com.br/2010/09/manifiesto-del-amor-queer.html> >. Acesso em: 2 maio 2015.

GUATTARI, Félix. [1977] Três milhões de perversos no banco de réus. In: GUATTARI, Félix. *Revolução molecular: pulsações políticas do desejo*. São Paulo: Brasiliense, 1981.

GUATTARI, Félix; ROLNIK, Suely. *Micropolítica: cartografias de desejo*. Petrópolis: Vozes, 1986.

ILLOUZ, Eva. [2006] *Intimidades congeladas: las emociones en el capitalismo*. Buenos Aires: Katz, 2007.

ILLOUZ, Eva. [1992] *El consumo de la utopía romântica: el amor y las contradicciones culturales del capitalismo*. Buenos Aires: Katz, 2009.

ILLOUZ, Eva. A sexualidade é inevitável: hoje o sexo precede o amor. *El País*, Brasil Móvel, Cultura. 30 mar. 2015. Disponível em: < http://brasil.elpais.com/brasil/2015/03/26/cultura/1427384053_822164.html >. Acesso em: 2 maio 2015.

ILLOUZ, Eva; SANTORO, Sonia. Una historia del amor. *Página 12*. Sociedad. 21 abr. 2013. Disponível em: < <http://www.pagina12.com.ar/diario/sociedad/3-218461-2013-04-21.html> >. Acesso em: 2 maio 2015.

ILLOUZ, Eva; TANGEN-MILLS, Jesse. Love in the Time of Capital. *Guernica: a magazine of Art & Politics*. Interviews. 1 June 2010. Disponível em: < https://www.guernicamag.com/interviews/illouz_6_1_10/ >. Acesso em: 2 maio 2015.

LUDDITAS SEXXXUALES. *Ética amatoria del deseo libertário y las afectaciones libres y alegres*. Coleccion (Im)Pensados, 2013. Disponível em: < <http://luddismosexxual.blogspot.com.br> >. Acesso em: 2 maio 2015.

MARTUCCELLI, Danilo. *Grammaires de l'individu*. Paris: Gallimard, 2002.

MIGNOLO, Walter. *Desobediencia epistémica: retórica de la modernidad, lógica de la colonialidad y gramática de la descolonialidad*. Buenos Aires: del Signo, 2010.

PRECIADO, Beatriz. Multitudes *queer*: Notes pour une politique des “anormaux”. *Multitudes: revue politique, artistique, philosophique*. n. 12, 2003, p. 17-25.

PRECIADO, Beatriz. Multidões *queer*: notas para uma política dos “anormais”. *Revista Estudos Feministas*. Florianópolis, v. 19, n. 1, jan.-abr. 2011, p. 11-20.

ROLNIK, Suely. *Cartografia Sentimental: transformações contemporâneas do desejo*. Porto Alegre: Sulina; UFRGS, 2011.

ROUGEMONT, Dennis de. [1938, 1954] *O amor e o Ocidente*. Rio de Janeiro: Guanabara, 1988.

TAKEUTI, Norma M. *Práticas inventivas juvenis e biopotência*. 2015. (inédito).

Artigo recebido em 6/07/2015, aprovado em 17/08/2015